

MONÇÃO (Longos Vales)

O mosteiro de São João de Longos Vales está situado na freguesia homónima, a sudeste de Monção, sede de concelho (distrito de Viana do Castelo) da qual dista 5,8 km. Saindo de Monção, siga no sentido leste em direção à N202. Na rotunda, saia na 1.ª saída para a N304 em direção a Longos Vales. Situado em pequeno planalto, que se implanta a sul do vale do rio Minho, entre terrenos férteis e bem irrigados, o mosteiro de São João de Longos Vales conserva a cabeceira da época românica, uma das mais personalizadas construções deste estilo em Portugal, como bem sublinhou C. A. Ferreira de Almeida.

Como consequência da organização diocesana, cujas raízes remontam à época sueva, o território de Entre-Lima-e-Minho esteve durante mais de seis séculos sujeito à diocese da sé de Tui, situação que se manteve até 1381. Conforme a divisão administrativa eclesiástica de 599, a diocese tudense era então constituída pelos territórios compreendidos entre os rios Lima e Lérez com um total de dezassete paróquias, oito das quais na região de Entre-Lima-e-Minho. *Lucoparre*, uma dessas paróquias, tem sido identificada com Longos Vales.

A fronteira política definida pelo rio Minho, que surge no século XII no contexto da autonomia de Portugal face a Castela e Leão, não viria alterar as relações quotidianas de vicinidade entre ambas as margens do rio. No entanto, a defesa da linha fronteira desencadeará um intenso surto construtivo de mosteiros, que se reformam ou edificam de novo, igrejas, muralhas, castelos e pontes, fenómeno que se traduziu numa apertada relação entre as instituições religiosas, os poderes civis e o rei. Exemplo desta relação, o mosteiro de Longos Vales receberá carta de couto de D. Sancho I como recompensa da torre que o prior do mosteiro, D. Pedro Peres, e a comunidade monástica construíram em Melgaço. A documentação revela estas constantes relações entre os mosteiros e as edificações de carácter militar ou mesmo paroquial, bem como a clara vontade régia de, com a sua colaboração, proteger a fronteira política.

A carta de couto, datada de *circa* 1199, é a mais antiga referência documental que se conserva sobre este mosteiro, cuja fundação e história são mal conhecidas. Se a construção da cabeceira, a única parcela que restou do conjunto edificado românico, pode ser datada entre o final do século XII e o início do século XIII, é de supor que a doação de D. Sancho, ao consagrar o património fundiário do mosteiro, tenha impulsionado a construção. Todavia, não existem dados suficientes para concluir se esta edificação substituiu um mosteiro anterior, já que não existem vestígios materiais que o comprovem.

Apesar de a documentação da época moderna o garantir, nos documentos medievais não consta qualquer alusão explícita à presença de Cónegos Regrantes de Santo Agostinho em Longos Vales. Em 1546 viviam no mosteiro quatro cónegos e o prior castreiro, o que indica já uma época de decadência da comunidade. Sete anos antes, uma Bula de Paulo III concedera o priorado ao Infante D. Duarte e em 1551, por Bula do mesmo papa, o mosteiro é unido ao Colégio da Companhia de Jesus. Datará do século XVII a reforma da nave da igreja, conforme relata Baltasar Teles, o cronista da Ordem. É provável que nesta obra tenha havido aproveitamento de materiais do edifício românico. Em 1682 a comunidade monástica estabelece um contrato com mestres-pedreiros da freguesia de Sago (Monção), que deveriam construir uma capela dedicada a São Caetano. O mosteiro encarregava-se de fornecer *a pedraria da dita capela antiga para nos aproveitarmos dela para a mesma obra*. Na sequência da expulsão dos Jesuítas no século XVIII, os aposentos monásticos entraram em ruína. A igreja recebeu obras de restauro nas décadas de 1930/40. Anteriormente às obras, a cabeceira estava anexa, ao nível do seu tramo reto, a uma construção mais baixa, cujo muro oriental, parcialmente em aparelho pseudo-isódomo, apresentava um vão entaipado de aparência românica.

Mosteiro de São João

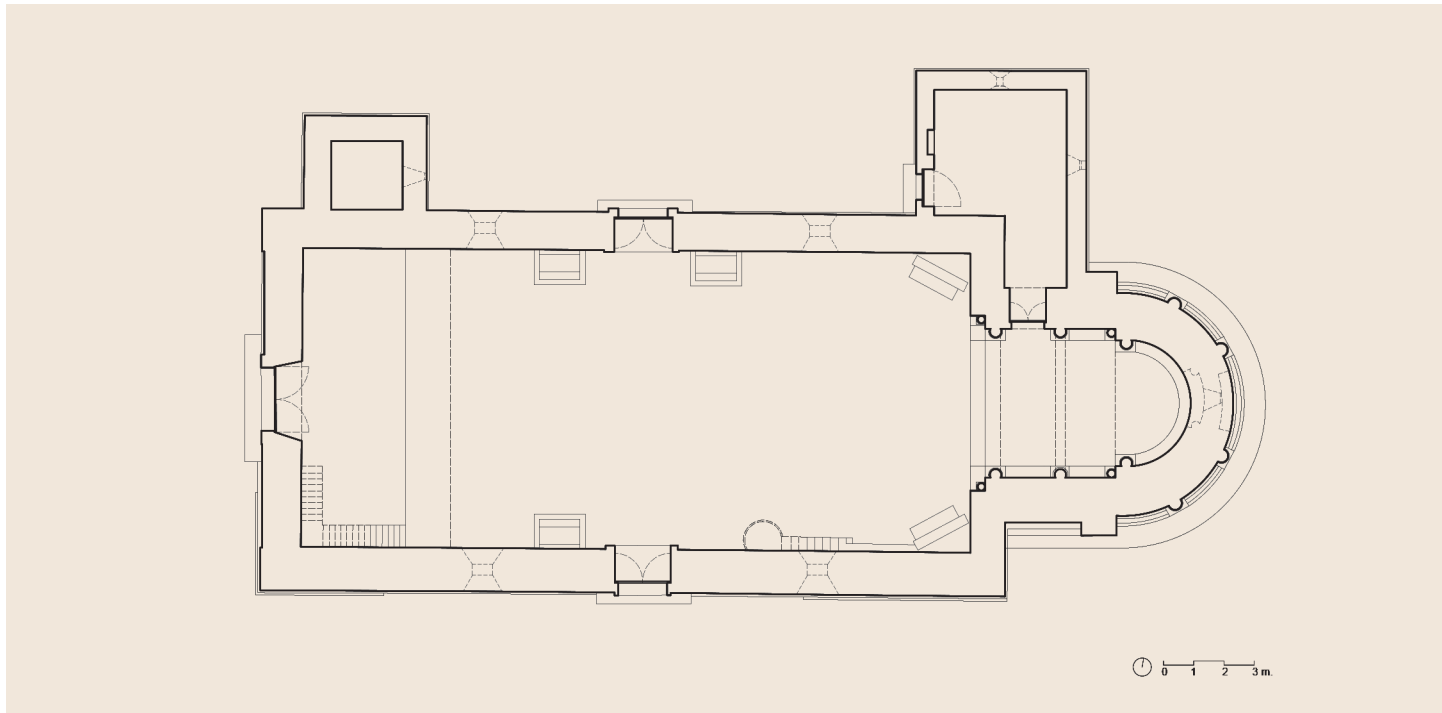
A CABECEIRA DE LONGOS VALES, orientada canonicamente, é composta por dois tramos, um reto e um semi-circular e construída em granito de grão médio e fino. Os muros sul e norte do tramo reto apresentam alçados rematados por cornijas e cachorros. O tramo semi-circular ergue-se sobre embasamento escalonado em três degraus e é dividido em cinco panos por colunas adossadas, cujos diâmetros dos fustes são quase os de uma coluna isenta. Apoiam-se em bases sobre plintos e são encimadas por capitéis que alternam com cachorros na sustentação da cornija. Uma única fresta, de alargamento interno, abre-se no topo oriental da cabeceira, sendo o seu alçado composto por um par de colunelos e respetivos capitéis, um vegetalista e outro que apresenta uma figura humana que segura duas aves. O tímpano recebeu uma decoração em enxaguetado e bilhetes, motivos repetidos no arco envolvente.

Um dos aspetos que mais caracterizam a cabeceira são os seus capitéis com escultura de acentuado volume. No exterior, os quatro capitéis das colunas adossadas do tramo

semi-circular apresentam motivos cujo sentido é de difícil interpretação. No primeiro, do lado sul do tramo, que é desprovido de colarinho, esculpiu-se na face central um volumoso animal que aparenta ser um leão. No lugar do dado uma cabeça abocanha-o no dorso. Na face esquerda pontuam dois personagens sentados tendo, um deles, um livro na mão. Na face direita estão sentadas duas figuras humanas que apoiam as mãos sobre os joelhos. O capitel seguinte é vegetalista. Sobre robustos caulículos, as folhas acompanham o cesto na sua parte inferior e projetam-se em acentuado volume na parte superior. No terceiro capitel foram esculpidos três animais, uma em cada face, que apoiam as patas no colarinho. Na coluna seguinte, sobre os caulículos que marcam vincadamente os cantos superiores do capitel, é representada uma mulher com uma criança no colo, na face central. Na face esquerda um personagem em pé segura um objeto com ambas as mãos, enquanto na face direita uma figura humana sentada apoia as mãos sobre os joelhos. Nas esquinas, pontuam duas águias

Vista geral da igreja a partir do nordeste





Planta

de asas cruzadas que voltam a cabeça para o exterior. Dois quadrúpedes deitados ocupam a base da terceira coluna.

Os cachorros são de secção retangular estreitos e alongados. Em vinte e dois cachorros, dezoito são figurativos, dois vegetalistas e dois de rolos. Entre os cachorros figurativos destacam-se, pela sua quantidade, os que apresentam figuras sentadas que por vezes apoiam as mãos sobre os joelhos, as aves de asas cruzadas e as cabeças de bovino.

É no interior da cabeceira que se encontra a maior concentração de escultura figurativa. Composta por dois tramos retos e um semi-circular, a cabeceira é abobadada. A multiplicidade de arcadas, que muito personaliza esta parcela, oferece um vasto campo para a escultura, dada a quantidade de capitéis e bases que apresenta. No arco triunfal pontuam capitéis vegetalistas de volumosas folhas, semelhantes ao já descrito no exterior da cabeceira, e um capitel com uma ave de asas cruzadas. O primeiro arco toral, do lado sul apresenta um capitel com três animais esculpidos, um em cada face, que apoiam as patas no colarinho. Do lado norte dispõem-se dois animais fabulosos adossados na face central, uma harpia e um sagitário em atitude de disparar a flecha. O segundo arco toral é duplo, razão porque apresenta dois capitéis em cada lado, sendo vegetalistas os do lado sul. A norte, no primeiro capitel senta-se um personagem masculino sobre folhas e caulículos; no segundo estão esculpidos quatro animais cujas cabeças emergem nos cantos do capitel e que se transformam

Alçado este



num entrançado de serpentes na parte inferior do cesto. Na face central, no lugar do dado, uma cabeça humana parece pertencer a um corpo aprisionado pelas serpentes. Na base do lado norte do primeiro arco toral estão figurados dois personagens que seguram arcos.

No fuste da coluna exterior do arco triunfal pontua uma figura em baixo-relevo. O personagem mostra cabelos compridos, barba e longa veste. Está descalço e tem um molhe de chaves ao pescoço. O relevo da parte inferior da figura é mais saliente, esbatendo-se a sua espessura

*Cornija da abside*

à medida que se aproxima da cabeça. Certamente que aqui se pretendeu sublinhar a deformação ótica da visualização de uma imagem, quando observada de baixo para cima. A barba, as vestes e as chaves identificam a imagem como São Pedro, um dos pilares da igreja que, por essa razão, se representa em colunas do arco triunfal.

A concentração da escultura num espaço reduzido e muito segmentado por arcadas, a acentuada dimensão dos capitéis e das bases, em proporção com o pé-direito da cabeceira, o volume da figuração e os temas, como o sagitário, as personagens que seguram arcos com flechas e as serpentes entrelaçadas das quais emerge uma figura humana, dotam a escultura da cabeceira de Longos Vales de uma forte tensão.

O tipo de capitel vegetalista, igualmente utilizado nos mosteiros de Ganfei e Friestas, segue um modelo comum não só à sé de Tui mas também a igrejas da província de Pontevedra, como Tomiño, Moneixas (Lalim) e San Martiño (Vilaboa) ou da zona mais a sul do Alto Minho, como Rubiães (Paredes de Coura) e Bravães (Ponte da Barca), embora nem sempre o resultado seja o mesmo. Em Longos

Vales as folhas destacam-se do cesto e entre si, criando um ritmo de saliências e reentrâncias, diverso do tratamento por massas comum a Ganfei e Friestas. No que diz respeito aos capitéis com figuração animalista é nítido o gosto pela marcação detalhada da musculação e outros traços físicos, assim como a acentuada saliência que quase torna a escultura independente do cesto.

Apesar dos modelos comuns, o processo de talhe direto, utilizado na escultura românica, não é um processo de reprodução exata porque exige uma transposição. O pedreiro-lavrante acrescenta ou altera detalhes, executando diferentes versões a partir de um mesmo modelo. Por esta razão a escultura de um capitel ou de outra peça românica raramente é o duplo exato do modelo que replica, o que torna difícil e contingente o estabelecimento de cronologias através do método comparativo.

No românico português a escultura vegetalista e geométrica é preponderante nos capitéis. Segundo C. A. Ferreira de Almeida haverá cerca de cinquenta capitéis historiados referentes a temas religiosos, míticos e profanos. É precisamente na região do Alto Minho, na sua parte mais

*Capitel do lado sul
da abside*



Fresta da cabeceira



ocidental, que se concentra o maior número de capitéis e cachorros com figuração animalista e humana. Todavia, a figuração não aparenta, na maior parte das vezes, fazer parte de um programa iconográfico.

As serpentes entrelaçadas presentes no capitel da cabeceira de Longos Vales simbolizarão o mal, o diabo, que aprisiona o personagem. É esse o sentido demoníaco das serpentes do portal axial de Bravães. Todavia, estas interpretações requerem alguma prudência. Na simbólica medieval todos os animais são ambivalentes, assumindo um caráter positivo ou negativo. Na escultura românica não é tanto a natureza do animal em si própria que é significativa, mas sim a relação na qual ele se insere.

O significado dos motivos esculpidos na cabeceira de Longos Vales é, como em grande parte do românico português, de complexa interpretação. Contudo, encontramos nesta escultura um sentido antitético, de forças opostas e de luta entre a figuração humana e a figuração animalista. Apesar da difícil interpretação desta escultura parece-nos que o sentido destas imagens é um sentido de luta, de tensão e de ameaça. Não obstante a dificuldade

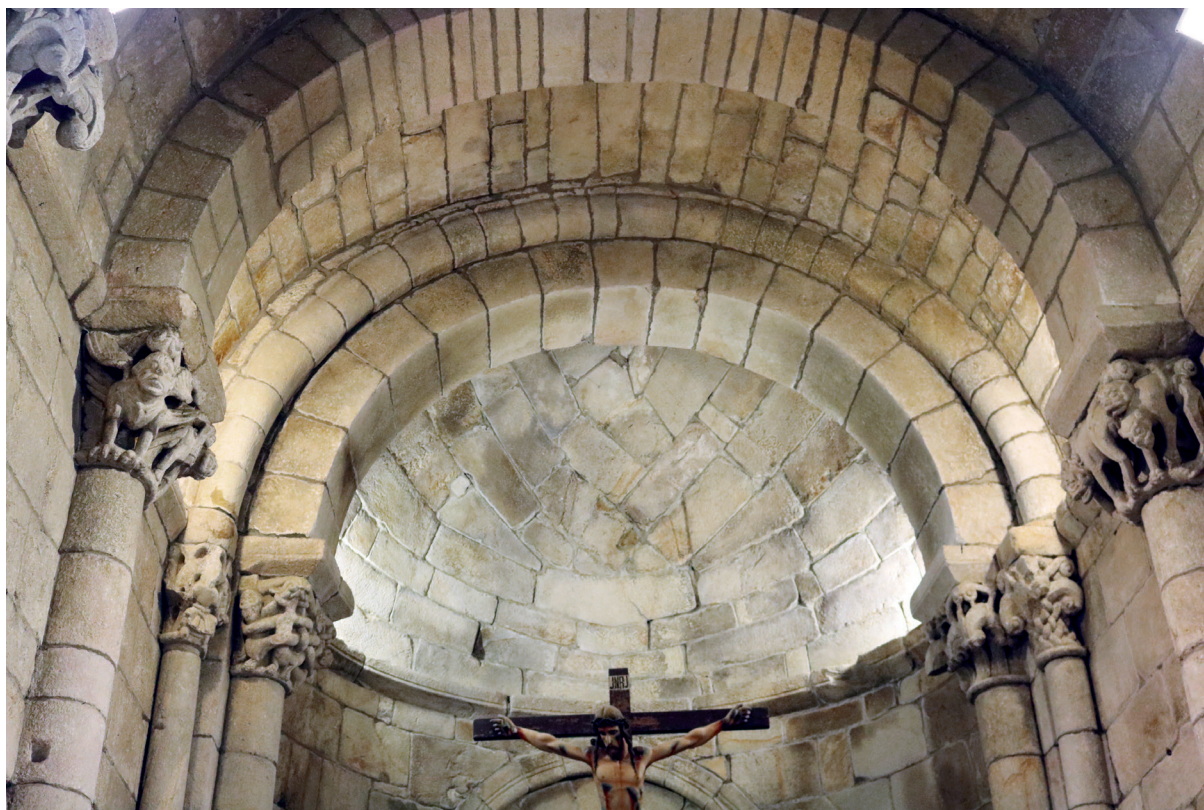
de interpretação da escultura, o seu sentido aponta para a constante presença das forças do mal.

Conforme sublinhou Manuel Real, se a escultura de massas volumosas que caracteriza os exemplares portugueses tem a sua origem na sé de Tui, já os capitéis vegetalistas de acentuado relevo têm uma origem mais antiga, assemelhando-se aos capitéis de uma fase anterior da catedral de Santiago de Compostela terminada pelos anos de 1122.

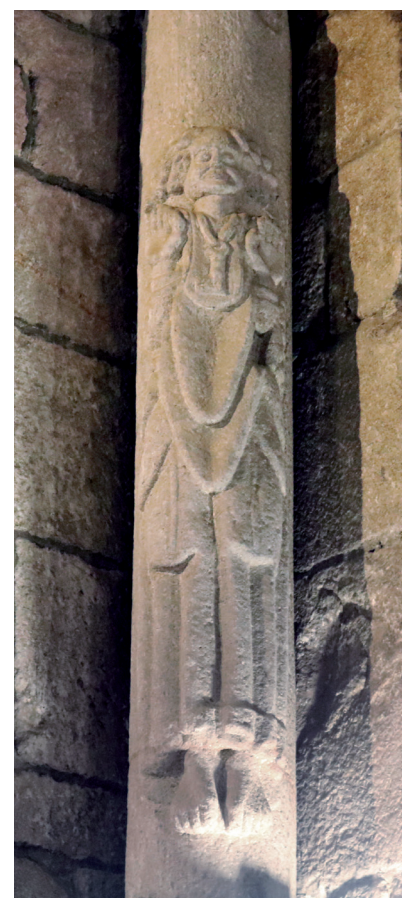
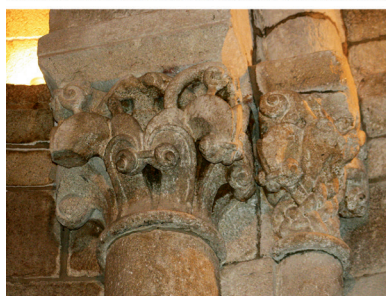
Manuel Monteiro foi o primeiro autor que, de forma sistemática, agrupou os templos portugueses da margem esquerda do Minho em dois núcleos, ligando-os ora à sé de Tui, ora à região de Orense. Depois desta primeira sistematização, Reinaldo dos Santos, Aarão de Lacerda, Artur Nobre de Gusmão, Bernardo Pintor e Lourenço Alves, confirmaram e especificaram as afinidades apontadas por Manuel Monteiro. C. A. Ferreira de Almeida abordou a escultura das igrejas portuguesas do vale do Minho, em publicações de caráter mais geral sobre o românico em Portugal. Já Manuel Real e Maria José Pérez Homem de Almeida dedicariam um estudo às influências da Galiza na arte românica portuguesa.



Interior. Perspetiva a partir do lado ocidental



Interior.
Pormenor da abside



Interior.
Capitéis da cabeceira

Interior. Fuste da coluna
exterior do arco triunfal
com uma figura em
baixo-relevo



Sarcófagos encontrados no adro da igreja

No primeiro núcleo definido por Manuel Monteiro, enquadram-se as igrejas dos mosteiros de São Salvador de Ganfei, Sanfins de Friestas (Valença) e São João de Longos Vales. Este grupo segue claramente os modelos da primeira etapa construtiva da sé de Tui que tiveram ampla difusão na Galiza, principalmente na província de Pontevedra, durante os meados e a segunda metade do século XII.

A afinidade das soluções arquitetónicas e dos modelos empregues na escultura das igrejas de Sanfins de Friestas e Longos Vales, e o facto de estes modelos terem origem na Galiza em meados do século XII, embora a sua difusão se estenda à segunda metade do século e às primeiras décadas do século XIII, permite concluir que a cabeceira de Longos Vales tenha sido edificada entre o final do século XII e o início do século XIII.

Na sequência das obras de restauro das décadas de 1930/40 foram encontrados, no adro da igreja e sob a sacristia então demolida, vários elementos funerários posteriormente registados por Mário Barroca. Entre esses vestígios destacam-se sarcófagos cobertos com tampas que

mostram elementos esculpidos, como cruzes com terminação em flor-de-lis, cruzes insertas em círculos e espadas. Embora de problemática datação, até porque a sua utilização tem uma longa diacronia, estes elementos testemunham a personalização da sepultura, fenómeno com raízes no século XI, no caso do Entre-Douro-e-Minho, embora a sua expressão seja muito mais frequente a partir do segundo quartel do século XII, como concluiu Mário Barroca.

Texto: LCR - Fotos: MLB/MF/MS
Planos: GM/MF/MS (sobre SIPA-DGPC)

Bibliografia

ALMEIDA, C.A.F., 1978a, pp. 242-243; ALMEIDA, C.A.F., 1987a, p. 174; ALMEIDA, C.A.F., 2001, p. 160; BARROCA, M.J., 1987, pp. 388 e 410; COSTA, A.J., 1983a, p. 118; DS, doc. n.º 234 (circa 1199); LACERDA, A., 1942-53, I, p. 304; MARQUES, J., 2004, p. 699; MONTEIRO, M., 1908, (1980), pp. 135-154; PINTOR, M.A.B., 1975, p. 77; REAL, M.L., 1986, p. 42; REAL, M.L. e PEREZ HOMEM de ALMEIDA, M.J., 1990, pp. 1483-1526; ROSAS, L.M.C., 1987, II, p. 67; SANTOS, R., 1955, p. 97.